

ÉTICA: UM ELEMENTO DE TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO PROCESSO DE TRABALHO DOCENTE

Maria Dolores Fortes Alves¹ - UFAL E-mail: mdfortes@gmail.com
Meiriane Ferreira Bezerra Santos² - UFAL E-mail: me-irianeferreira1@hotmail.com
Surama Angélica da Silva³ - UFAL E-mail: surama_angel@hotmail.com

Eixo 1. Formação de professores, complexidade e transdisciplinaridade

RESUMO

Este trabalho caracteriza-se como uma reflexão sobre a ética e tem como objetivo verificá-la como elemento de transformação das relações interpessoais no processo de trabalho docente. Apresenta uma discussão acerca dos termos ética e moral, destacando a diferença entre esses dois termos e como estes podem gerar transformações significativas a partir do respeito à dignidade da pessoa. Tem como suporte metodológico a pesquisa bibliográfica. Direciona os estudos para o desenvolvimento do “ser ético” no exercício profissional e no cotidiano da sociedade, identificando quais concepções encontram-se subjacentes para nortear a vivência ética; destacando a urgência de um olhar ecossistêmico, complexo e transdisciplinar para a melhoria da atuação profissional docente a partir de princípios éticos.

Palavras-chave: Ética. Complexidade. Trabalho docente.

INTRODUÇÃO

A vida em sociedade pressupõe a criação e o cumprimento de regras e preceitos capazes de nortear as relações, possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros de diferentes grupos sociais. Qualquer ambiente de trabalho, por sua vez,

¹ Doutora e Mestre em Educação – PUC/SP-CNPq e UB (Barcelona); Mestre em Psicopedagogia e Pedagogia - UNISA; Pós-Graduada em Distúrbios da Aprendizagem pela UBA (Buenos Aires); Líder do Grupo de Pesquisa PAII-UFAL (Práticas de Aprendizagens Integradoras e Inovadoras); Pesquisadora RIES (Rede Internacional Ecologia dos Saberes), ECOTRANS (Ecologia dos Saberes e Transdisciplinaridade - CNPq), RIEC (Rede Internacional de Escolas Criativas), GIAD (Grupo de Investigação e Assessoramento Didático. UB) e ADESTE (A Adversidade Esconde um Tesouro - Universidade de Barcelona); Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Alagoas.

² Graduada em Pedagogia pela Fundação Educacional do Baixo São Francisco Dr. Raimundo Marinho. Especialista em Pedagogia Organizacional e Gestão de Recursos Humanos pela Faculdade Atlântico. Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Membro do grupo do Grupo de Pesquisa PAII-UFAL (Práticas de Aprendizagens Integradoras e Inovadoras)

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Especialista em Educação em Direitos Humanos e Diversidades pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Alagoas. Membro do grupo do Grupo de Pesquisa PAII-UFAL (Práticas de Aprendizagens Integradoras e Inovadoras)

também precisa de regras e normas orientadoras do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. O espaço educativo é percorrido por um movimento ambíguo: de um lado, pelas ações que visam ao cumprimento das leis e das normas determinadas pelos órgãos centrais, e de outro, pela dinâmica dos seus grupos internos que estabelecem interações, rupturas e permitem a troca de ideias, opiniões, sentimentos, visão de homem e de mundo; em uma fusão marcada inúmeras vezes pelo conflito.

Nesse contexto, cabe pensar sobre a ética como um elemento que possibilita mudanças e altera o clima organizacional. Neste sentido podemos iniciar nossa análise a partir do pensamento de Tugendhat (1999, p. 362) ao afirmar que o comportamento ético e moral, “consiste em reconhecer o outro como sujeito de direitos iguais, pois as mesmas nos aproximam da realidade e nos faz conscientes das ações à qual praticamos em qualquer momento de nossas vidas”.

Contudo, nos dias atuais, é cada vez mais difícil estabelecer a ética como parâmetro das relações interpessoais e até mesmo entendê-la do ponto de vista da conduta humana e da apreciação do bem e do mal. A ética envolve essencialmente valores como respeito, igualdade, justiça, entre outros, dando possibilidades para o desenvolvimento de uma convivência pacífica e solidária entre os indivíduos. Assim, é possível situá-la como fundamento da qualidade de vida profissional, especialmente na área educacional.

Ética: conceitos, objetivos e funções

A sociedade contemporânea está marcada pela complexidade, pela necessidade ou “obrigatoriedade” pungente em dar conta de múltiplos saberes e inúmeras práticas, comumente dissociados e não validados socialmente, por não responder as necessidades do novo cenário mundial. Ostentando o título de sociedade do conhecimento, impõe aos indivíduos o aprimoramento constante de “uma competência”. Essa competência, tão propagada nos mais diversos setores de trabalho e variados níveis de atuação, inclusive na docência, representa um discurso fragmentado, superficial e restrito; por considerar competente apenas aquele que sabe fazer, desconectado do “como fazer”. Verifica-se uma análise restrita na definição de competência, atribuindo-lhe apenas um caráter técnico.

Falar em competência significa falar em saber fazer bem. Apesar das diferenças entre as diversas concepções de educação e de escola presentes entre nós, elas sem dúvida concordam em definir desse modo a competência. Entretanto, é preciso atenção (o alerta da crítica!) ao explicitar o que se quer dizer quando se faz essa afirmação, uma vez que é essa a tônica do discurso da maior parte dos educadores. Minha definição de saber fazer bem como sinônimos de competência, em princípio, aproxima-se da posição dos educadores que apresentam esse saber fazer bem numa dupla dimensão: técnica e política. (Rios, 2008, p. 46)

De cunho político, a dimensão ética deve estar incorporada naquilo que entendemos e definimos por competência. Não podemos ceder ao discurso deslocado de que saber fazer é elemento único que traduz a competência docente. Neste sentido, é indispensável refletirmos sobre o que é ética? Qual a sua validade no exercício profissional? Quais os elementos contribuintes para a construção de uma postura ética? Qual o sentido da ética na contemporaneidade?

A ética não pode ser concebida de forma superficial, voltada apenas a reflexões de ordem teórica e desconectada do cotidiano dos indivíduos. É necessária uma dupla valorização, no sentido de compreender o seu significado e a sua funcionalidade. Não raramente, nota-se que os conceitos sobre a ética e a moral se confundem ou tornam-se sinônimos. Apesar de etimologicamente terem significados iguais, a saber: costume, jeito de ser: elas têm definições distintas. A moral pode ser entendida nas palavras de VASQUEZ, como: “ um conjunto de normas e regras destinadas a regular as relações dos indivíduos numa comunidade social dada”. (RIOS apud VASQUEZ, 1975, p. 25).

Assim, observa-se que os aspectos da moralidade é construído socialmente, em uma trama de relações, portanto passível de alterações. É neste domínio da moral que avaliamos o comportamento humano como certo ou errado, lícito ou ilícito. A ética, no entanto, busca a compreensão da moralidade caracterizada em cada grupo social; voltando-se a investigação, ao questionamento e a problematização dos valores morais vivenciados pela humanidade. A ética toma a forma de uma reflexão crítica em relação à moral. A ética busca o sentido da ação humana, clarificando a ação do sujeito, em outras palavras, revela porque os sujeitos agem de determinada forma e não de outra. Nas palavras de Vasquéz deixamos claro que:

A ética não é a moral e, portanto não pode ser reduzida a um conjunto de normas e prescrições; sua missão é explicitar a moral efetiva (...) A ética pode servir para fundamentar uma moral, sem ser em si mesma normativa ou preceptiva. (RIOS apud VASQUÉZ, 1975, p. 13).

Nesse viés, percebe-se a amplitude da ética em relação à moral, assumindo, portanto, a função de fundamentar a moral. Ao enunciar a questão da função ética é necessário explicitar aquela que parece corresponder a nossa discussão; pois é função da ética transformar as relações sociais que ocorrem no ambiente de trabalho, o que resultará, certamente, na transformação do próprio processo de trabalho, visto que o sujeito produz mais e de forma qualificada em um ambiente onde os sujeitos respeitem à dignidade da pessoa. Contudo, a transformação só será possível, à medida que houver um distanciamento por parte dos profissionais, em relação ao discurso fragmentado sobre ética. Em outras palavras, é necessário afastar-se da pseudoética, presente apenas no discurso, mas não incorporada no fazer docente. O que é válido é uma aproximação à ética que tenha como ponto de partida: a compreensão, a vivência e a clareza de sua importância. Eis os três elementos que consideramos essenciais no processo que discutimos.

Sob uma análise apropriada para nossas reflexões e ponto fundamental para a nossa discussão, LA TAILLE, ao definir moral e ética pronuncia que “ a indagação moral corresponde à pergunta: “ como devo agir?” E a reflexão ética cabe responder à outra: “ que vida eu quero viver?”(LA TAILLE, 2006, p. 29). Portanto se atrelarmos essas perguntas ao trabalho que ora desenvolvemos, podemos afirmar que ambas nos interessam, mas que a segunda recai diretamente sobre o norteamento que escolhemos e que será o alicerce para o que queremos construir neste trabalho. Desta forma, retomaremos as ideias de La Taille para conduzir a reflexão da ética subjacente a pergunta: que vida queremos viver enquanto educadores? Enveredando por esta reflexão perceberemos que a atuação no campo profissional exige o respaldo da ética e a negação de práticas excludentes, discriminatórias e alienadas.

A dimensão ética no trabalho: algumas considerações e articulações

A reflexão é um mecanismo capaz de conduzir os sujeitos em novos processos, novas experiências e uma peculiar forma de atuar no mundo, sempre na perspectiva de transformação. Mas, apenas a reflexão, não garante as mudanças necessárias e desejadas, contudo, sem ela permaneceríamos estáticos na roda- viva do mundo. É indubitavelmente, a reflexão filosófica, que conduz o homem a responder questões fundamentais e, sobretudo a fazer perguntas indispensáveis.

Discorrer sobre o lugar da reflexão e o desejo de transformar a realidade e as relações interpessoais torna-se elemento importante na análise que se pretende construir. Dessa forma, garante-se um tratamento adequado para um tema complexo e que tem gerado debate na sociedade moderna, tratando a ética, sem reduzi-la, torná-la simplista ou banalizá-la. A ética precisa ser situada no bojo da problemática das relações humanas e sociais, e mais propriamente, nas relações que se constroem no ambiente de trabalho, verificando quais as possibilidades de transformação destas relações quando a ética é condutora das ações dos sujeitos. Percorrer este caminho implica ainda, pensar sobre a importância da ética na vida profissional e o significado do trabalho para o homem.

Apesar de ter sofrido alterações consideráveis no desenvolvimento da história, o trabalho sempre esteve ligado à realização do homem como sujeito social e histórico ou vinculado a questão de suprir as necessidades humanas. De algum modo, a ideia de realização pelo trabalho sempre esteve aliada à satisfação material. Na antiguidade, as pessoas consumiam o que era necessário para a sua sobrevivência, hoje com o excesso de produção e o forte apelo da mídia, as pessoas começam a adentrar em processo onde não se distingue mais o que é supérfluo e o que é realmente necessário, percebe-se uma inversão de valores, e neste contexto também está inserida a questão ética e moral, bem como a conotação que se dá ao trabalho. Afinal, qual o sentido essencial que o trabalho assume na vida dos indivíduos e especialmente, qual o sentido do trabalho para os docentes?

Ao fazer referência ao trabalho, como atividade humana, entendemos a importância de vislumbrar o destaque que o alemão Karl Marx reservou ao trabalho, afirmando:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com a sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercambio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeças e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana (KARL MARX, 1867, p. 134)

O ser humano se realiza no e pelo trabalho, que por sua vez assume o significado da própria existência humana. Contudo, esta afirmação não se relaciona ao trabalho alienado, fruto do modo de produção do sistema capitalista; que é massacrante e desumano, e afasta o ser humano de sua realização existencial. Para Marx, não existe o indivíduo formado fora das relações sociais. Ele enfatiza essa ideia ao afirmar: “A essência humana (...) é o conjunto das relações sociais”.

A construção de relações mais humanas e dignas no trabalho, especialmente nas instituições de ensino, que respeitem as diferenças individuais, de gênero, raça, e de convicções religiosas, podem contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais solidária e comprometida com o bem estar coletivo. Assim, torna-se necessário direcionar o olhar para o lugar da ética nas relações sociais, que na perspectiva marxista acontece de forma privilegiada no trabalho. Assim, pode-se afirmar que a vivência ética entre os indivíduos pode ser uma possibilidade de transformação das relações interpessoais que se constroem no ambiente de trabalho. Aborda-se o termo “possibilidade”, pela existência de elementos que podem condicionar positiva ou negativamente o desenvolvimento das relações dentro desse paradigma, possibilitando a transformação ou impossibilitando-a.

Sob à luz dessas considerações é possível verificar a legitimidade do desejo de transformação do *status quo* nos sujeitos, à medida que há maturação quanto ao panorama de caos social, onde os indivíduos se massificam e acabam por reproduzir, de forma acrítica, ações e práticas advindas da lógica capitalista.

A ética, como dimensão do processo de humanização e desenvolvimento das relações sociais, está indiscutivelmente atrelada aos diversos grupos profissionais; no entanto, neste trabalho, procura-se lançar um olhar a partir de uma prática cotidiana específica: a docência. Neste sentido, pressupõe-se uma necessidade evidenciada nas palavras de Veiga:

(...) convidar os profissionais da educação a discutir um norteamento ético para a sua prática profissional – ou mesmo antes disso, a elucidar a dimensão ética inerente à docência – é intervir em uma dimensão importante de sua existência como profissionais. Pode-se caracterizar que é um convite a um enfrentamento de problemas que clamam por uma compreensão baseada no processo de trabalho. (2005, p 22).

A competência de saber lidar com os problemas que fazem parte do cotidiano de todos os profissionais – sobretudo os docentes, podem ampliar-se, à medida que há uma tomada de consciência da importância da dimensão ética e seus desdobramentos, intrínsecos nas relações de trabalho. A minimização e atenuação dos conflitos geradores de estagnação do processo de trabalho, visto que o conflito nem sempre é produtivo; pode ser alcançado mediante uma compreensão ampla de elementos variáveis que incidem nas escolhas e posições dos profissionais no âmbito de sua atuação.

A constituição ética, inerente à atividade profissional docente, se revela de modo mais perceptível as pessoas em geral, através de como se dão as relações no ambiente de trabalho que por sua vez se corporifica no clima organizacional. O convívio entre

sujeitos envolvidos no processo de trabalho, apesar de ser percebido e está vulnerável a juízos de valor, onde superficialmente afirma-se que determinado convívio é ruim ou bom, não ganha outro patamar de análise onde a ética esteja subjacente. Assim, se instala uma enorme contradição: ao mesmo tempo que o termo ética é facilmente empregado nos discursos dos mais diversos profissionais, inclusive docentes atuando nos mais variados níveis do ensino; a ética se verifica superficialmente ou inexistente na relação da reflexão e da práxis pedagógica, objetivando verificar porque na maioria dos acontecimentos conflituosos, os sujeitos não agem baseados em princípios éticos. Nesta ótica, podemos parafrasear TARDIF (2001), que ao pensar na crise profissional, afirma: “ A crise do profissionalismo é a crise da ética profissional, isto é, dos valores que devem guiar os profissionais”. Subentende-se a partir desta afirmação que a ética é o elemento de enfrentamento da crise que se instala na carreira docente; cabendo a estes profissionais dialogarem com a realidade cotidiana e com as normas sócio-morais. É justamente no momento em que os sujeitos que compõem o lócus de trabalho, quer seja a escola , a universidade ou a empresa; pensam, refletem , discutem e organizam ideias – enfrentando a roda-viva existente, que surgem as alterações de concepções enraizadas, possibilitando, desta feita, o surgimento e fortalecimento de uma postura ética que sustente a intervenção na realidade. É preciso, no entanto, deixar claro que:

A reflexão, enquanto tal (atividade simbolizadora e seus produtos: representações, conceitos, teorias, etc.) não pode, de fato interferir diretamente na realidade, nas condições objetivas, quem age sobre a realidade – direta ou indiretamente (através de algum instrumento) – são os sujeitos. Ocorre que estes, por sua vez, têm sua ação pautada em algum nível de reflexão, visto que a prática está sempre baseada numa significação, seja ela ideológica, interesseira, utilitária, alienada qual seja não é um processo mecânico, automático, aleatório, casuístico. (VASCONCELLOS, 2000, P.11).

Um processo de reflexão sistemática, profunda e coletiva; incorporado pelos profissionais, contribuirá para um avanço em termos éticos. O processo de reflexão do profissional remete-nos a formação do mesmo, quer seja a formação inicial ou continuada, ela sempre será um espaço propício, privilegiado para a reflexão. É neste espaço que poderá surgir à luta contra à alienação e prejuízo aos direito humanos do educador e dos profissionais da educação. Vencer a alienação e zelar pelo respeito aos direitos humanos é fazer-se capaz de construir um Projeto Ético, coerente e significativo para cada contexto.

A fim de clarear as ideias aqui postas a respeito do processo de alienação, utilizamos a definição de Vasconcellos: “... aquele estado em que as pessoas tornam-se

estranhas a si mesmas e ao mundo que as rodeia, não podendo interferir na sua organização, nem sabendo justificar os motivos de suas ações, pensamentos, emoções”. (2000, p. 24)

Corroborando, compreende-se a não-alienação como condicionante para a construção de uma postura ética ou até mesmo um projeto ético coletivo. Assim, faz-se necessário buscar a superação desta alienação nos espaços que proporcionam a interação com outros sujeitos e com o mundo, bem como superar a própria alienação gerada pelas relações e experiências no seu trabalho.

ÉTICA: superando conceitos simplistas, valorizando o potencial transformador pelo olhar da complexidade, transdisciplinaridade e pensamento ecossistêmico

A ética, apesar de ser um termo facilmente encontrado nos discursos e enredos profissionais, não tem sido entendida de forma relevante e clara, nem coerente com as finalidades a que se propõe. É concebida de maneira simplista, superficial e fragmentada; o que certamente resultará na vivência de uma pseudoética. Para ser verdadeira, efetiva e relevante para o desenvolvimento de relações interpessoais, a ética precisa ser concebida sob uma ótica que valorize e reconheça o seu potencial transformador.

É necessária a superação de conceitos que considerem a ética apenas como parte do discurso e distante das experiências vivenciadas de forma plena pelo homem. É pelo predomínio de conceitos desconexos, que a ética está destinada atualmente a confinação dos discursos politicamente corretos.

Ética se faz para além do discurso. ética está na ação. Ética está no saber fazer, sentir e agir de acordo com princípios e valores que norteiam o respeito a si próprio, ao outro e ao meio. A este respeito no fala Varela, "(...) tomar cuidado de si representa o verdadeiro fundamento do Ser, em que se pode tornar plenamente manifesto através de uma longa e bem-sucedida prática ética." (1992, p. 76).

Ser ético implica em estar consciente e questionarmos se desejamos, se podemos e se devemos executar o ato, pois, até mesmo fazer aquilo que não desejamos e fere os princípios éticos. E se desejamos, ainda devemos nos questionar se podemos, se nosso ato não agredirá o outro e ao meio, lembrando que toda ação é recursiva e retroativa, retornará à nós.

Ter Princípios éticos consistem em nutrir as relações educacionais, sociais, planetárias, econômicas etc. com ética, com valores de respeito, responsabilidade, solidariedade, cuidado para conosco e com todos. Viver com ética deveria ser um princípio constitutivo e essencial para que haja convívio equânime e inclusivo (ALVES, 2009). Uma ética que se manifesta no respeito a qualquer ser com suas semelhanças e diferenças. Uma ética que se nutre de valores como, respeito, solidariedade, cooperação. Uma ética da vida, uma ética para vida. Esse princípio ético não busca apenas a tolerância do outro e sim, sua legitimidade. Não negar o outro e a si mesmo com suas (nossas) diferenças constitui-se o verdadeiro respeito, assim, um princípio ético e inclusivo. Ainda, contribui para que aprendamos com o outro, pois ele torna-se complementar a nós mostrando-nos possibilidades “estranhas”, desconhecidas à nossa visão míope, que se tornam aprendizagens quando nos damos a possibilidade do diálogo com as diferenças, lembrando que. É pela riqueza da diversidade que se fortalece a tessitura e a ética da vida (BOFF, 1999).

Nosso desafio ético é desenvolver a resiliência aprendendo com o outro, com a diversidade que o mundo apresenta, é viver em harmonia, em solidariedade, em colaboração, em cooperação, conosco e com o outro. É aceitar a nós mesmos e ao outro em nossas diferenças, isso é a ética da vida.

Como esclarece Maturana:

Congruencia do vivir en si és vivir con o otro. En el apego, en el deseo de posesión, negamos al otro y creamos con él o ell aun mundo que nos niega, Los problemas sociales son siempre problemas culturales, porque tienen que ver con los mundos que construimos en la convivencia, Por esto, la solución de cualquier problema social siempre pertenece al dominio de la ética; es decir, al dominio de seriedad en la acción frente a cada circunstancia que parte de aceptar la legitimidad de todo ser humano, de todo otro, en sus semejanzas y diferencias, Es la conducta de los seres humanos, ciegos ante sí mismos y el mundo en la defensa de la negación del otro, lo que ha hecho del presente humano lo que es, La salida, sin embargo, está siempre a la mano, porque, a pesar de nuestra caída, todos sabemos que vivimos el mundo que vivimos, porque socialmente no queremos vivir otro. (MATURANA, 1999. p. 36).

Maturana segue ainda dizendo “que la naturaleza íntima del fenómeno social humano en la aceptación y respeto por el otro que esta en el centro como fundamento biológico de lo social”. (*ibid.* p. 37). Com isso podemos compreender que viver o fenômeno social implica em viver com ética. Sem ética os laços sociais se desfazem e a estrutura humana se dilui na violência e destruição.

Para o filósofo e sociólogo Edgar Morin (2004) a ética é um fenômeno recursivo trinitário (religa o ser consigo, com o outro e com todos) e deve se constituir como uma

antropoética. Uma ética da vida, uma ética que busca a construção e o respeito por saberes que edifiquem a cidadania planetária. Uma ética libertária que não se submete a valores religiosos para guiar-se, mas sim uma ética autônoma, de religação, de respeito e reverência à todas formas de vida.

Para Morin, nossa única possibilidade de enfrentar o caos social, humano e planetário de destruição que vem ocorrendo, é assumir nossa condição humana. Assim sendo, cabe-nos a antropoética que consiste em:

Antropoética é mediada pela decisão individual consciente, ou seja, pela auto-ética.

Ela não pode ser deduzida da antropologia, pois vale repetir, nenhum dever pode ser deduzido de um saber. Mas, pode ser esclarecido pela antropologia complexa e ser assim definida como modo ético de assumir o destino humano. Ou seja,

- assumir a dialógica egocêntrica/altruista do indivíduo-sujeito fortalecendo a parte subdesenvolvida de altruísmo e abrindo-se a compreensão;
- assumir a indissolubilidade e a superação mútua de Sapiens/demens, ou seja, salvaguardar sempre a racionalidade no ardor e paixão, a paixão no coração da racionalidade a sabedoria na loucura;
- assumir uma relação dialógica entre nossa razão e nossos mitos, nossa razão e nossas paixões;
- civilizar nossa relação com as ideias mestras, que permanecem monstros possessivos, autoritários, violentos;
- viver tanto quanto foi possível de amor e de poesia no mundo prosaico;
- reconhecer no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade;
- manter contra ventos e mares, a consciência que nos permite simultaneamente, autocrítica a crítica e a compreensão;
- praticar em si a dialógica dos dois sexos (*animus/anima*)
- ligar em nosso espírito os segredos da infância (curiosidade, surpresa), os segredos adolescente (aspiração a outra vida), os segredos da maturidade (responsabilidade), os segredos da velhice (experiência, serenidade);
- viver, pensar, agir conforme a máxima “o que não se regenera degenera”;
- saber que não existe piloto automático em ética, a qual sempre enfrentará escolha e aposta e sempre necessitará de uma estratégia. (MORIN, p. 159)
- Antropoética liga a ética do universal e a ética do singular. Desemboca na ética universalista que reconhece em todo ser humano a identidade consigo e a diferença de si, respeitando tanto na sua diferença quanto na sua semelhança (*ibid.* 160).

Como um movimento-pensamento ecossistêmico (MORAES, 2004) e transdisciplinar (NICOLESCU,1999), ser ético significa ir além das fronteiras dos medos, mitos, ritos, para percebermo-nos *demens/sapiens, ludus/poeticus*, enfim, seres únicos e singulares interdependentes, que, em uma tessitura comum, caminham para uma comunidade de destino, a consciência de que uma antropo-ética é a esperança para a espécie humana.

Considerações finais

Estamos em tempo de ressignificar a ética. De reconstruir e reconstruirmo-nos com ética. Tempo de aprender a ser e a viver em paz conosco, com o outro, com o planeta.

É tempo de aprender a ser.
Ser humano, ser junto com o outro, ser um ser com o outro,
É tempo de vida, de rir, de transgredir, de transformar
É tempo de união, é tempo de amar.
É tempo de recriar.

É tempo de circular e desenvolver mil e muitas maneiras de aprender
É tempo de ser junto com o outro.
É tempo cósmico, tempo cântico, tempo quântico.

Porque o saber que compartilha se immortaliza e não deterioriza a vida humana.

O planeta precisa de gente Gente, de gente que sente, de gente viva e de gente que luta amorosamente pela vida da gente. (ALVES, 2009, p.)

Conforme Alves (2013) podemos dizer que tecer as relações educacionais, sociais, planetárias, econômicas ou quaisquer outras, com ética, constituem-se como um princípio essencial para que haja convívio equânime e inclusivo entre todos os seres. A ética se faz e se manifesta no respeito a qualquer indivíduo com suas semelhanças e diferenças. Esta é uma ética que se nutre de valores como, respeito, solidariedade, cooperação. Portanto, uma ética da vida, uma ética para vida.

O princípio ético não busca apenas o respeito e a tolerância do outro, as suas diferenças e sim, sua legitimidade. E, legitimar o outro com suas diferenças constitui-se o verdadeiro respeito, assim, um princípio ético e inclusivo.

A antro-po-ética, a ética da vida contribui também para que em respeito e legitimidade da singularidade. Para que, aprendamos com o outro, pois, esse outro torna-se complementar a nós mostrando-nos possibilidades “estranhas”, desconhecidas à nossa visão míope. Deste modo, tornamo-nos aprendizes de nós mesmo junto com o outro quando nos damos a possibilidade do diálogo com as diferenças. Lembrando que, a antro-po-ética mostra-nos a riqueza da diversidade que fortalece a tessitura.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. D. F. **Construindo Cenários e Estratégias de Aprendizagem Integradoras (inclusivas)**. 276pp. Tese [Doutorado] – Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.

_____. **Favorecendo a inclusão pelos caminhos do coração: complexidade, pensamento eco-sistêmico e transdisciplinaridade**. Rio de Janeiro, WAK, 2009.

BOFF, L. **Ética da vida**. Brasília: Letraviva, 1999.

LAJOLO, M. **Histórias Sobre Ética**. São Paulo: Ática, 1998.

LA TAILLE, Y. de. **Moral e Ética: Dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MARX, K. **O Dezoito Brumário e cartas a K. Kugelmann**. 5ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

MATURANA, H. **Transformación en la Convivencia**. Con la colaboración de Sima Nisis de MORAES, M.C. **Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI**. São Paulo: Vozes, 2004.

MORIN, E. **O método: VI Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

_____. **A religião dos saberes**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

RIOS, Terezinha Azevedo. **Ética e Competência**. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 1994.

TUGENDHAT, E. **Lições sobre ética**. Petropolis: Vozes, 1999.

VEIGA, I. P. A.. **Docência: Uma Construção Ético-Profissional**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

VARELA, Francisco J. **Sobre a competência ética**. Lisboa: edições 70, 1992.

